



RANSOM RIGGS



MAPA DOS DIAS

==== LIVRO IV DA SÉRIE ====

O LAR DA SRTA. PEREGRINE

— PARA CRIANÇAS PECULIARES —

Tradução de Glu Alonso e Ulisses Teixeira



1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



SUMÁRIO



[Avançar para o início do texto]

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais

Prólogo

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Sobre o autor

Conheça os títulos anteriores da série

Leia também



PRÓLOGO



Eu nunca havia duvidado tanto da minha sanidade quanto naquela primeira noite, quando a mulher-ave e seus protegidos apareceram para impedir que me internassem em um hospital psiquiátrico. Eu estava espremido entre dois tios parrudos no carro dos meus pais quando um grupo de crianças peculiares pareceu sair direto da minha imaginação para a rua à nossa frente, como uma legião de anjos à luz dos faróis.

O carro cantou pneu e parou bruscamente, erguendo uma nuvem de poeira que apagou tudo do lado de fora do para-brisa. Será que eu havia conjurado ecos dos meus amigos, uma espécie de holograma trêmulo projetado das profundezas do meu cérebro? Qualquer coisa era mais plausível que a presença deles ali, naquele momento. Quando se trata de peculiares, tudo parece possível, mas receber uma visita deles era uma das poucas impossibilidades das quais eu ainda podia ter certeza.

Eu tinha escolhido deixar o Recanto do Demônio e voltar para casa, para onde meus amigos não poderiam ir. Tinha a esperança de, ao retornar, conseguir de algum modo unir os dois lados tão díspares da minha vida: o normal e o peculiar, o comum e o extraordinário.

Outra impossibilidade. Meu avô também havia tentado isso, sem sucesso. No fim das contas, acabou se isolando tanto de sua família peculiar quanto da normal. Sua recusa em escolher uma vida em detrimento da outra o condenou a perder ambas. E estava prestes a acontecer o mesmo comigo.

Vi alguém se aproximando em meio à poeira que baixava.

— Quem diabo é você? — perguntou meu pai.

— Alma LeFay Peregrine. Diretora-interina do Conselho de *Ymbrynes* e mentora destas crianças peculiares. Já nos encontramos antes, embora eu não espere que você lembre. Crianças, digam oi.



CAPÍTULO UM



É estranho o que a mente é capaz de absorver e aquilo a que ela resiste. Eu havia sobrevivido ao verão mais surreal que se pode imaginar (vagando por outros séculos, enfrentando monstros invisíveis, me apaixonando pela ex-namorada do meu avô que vivia congelada no tempo), mas só agora, na perfeita normalidade do presente, na casa em que eu crescera, é que eu tinha dificuldade em acreditar no que meus olhos viam.

Ali estava Enoch em nosso grande sofá bege, tomando uma Coca-Cola no copo do meu pai com o brasão de um time de futebol americano da Flórida; ali estava Olive, tirando os sapatos de chumbo para subir flutuando até o ventilador de teto e brincar de dar voltas; ali estavam Horace e Hugh em nossa cozinha, Horace observando as fotos na porta da geladeira enquanto Hugh procurava alguma coisa para comer; ali estava Claire, com as duas bocas abertas, encarando o monólito preto na parede, nossa televisão; ali estava Millard, folheando as revistas de decoração da minha mãe, que se erguiam sozinhas da mesa de centro e se abriam no ar, seus pés descalços deixando duas marcas no tapete. Era uma fusão de mundos que eu havia imaginado milhares de vezes, sem nunca sonhar que seria possível. Mas ali estava: meu Antes e meu Depois colidindo com a força de asteroides.

Millard já havia tentado me explicar como era possível que eles estivessem ali, aparentemente sem perigo e sem medo. O colapso da fenda temporal no Recanto do Demônio, que quase matara todos nós, havia reiniciado o relógio biológico deles. Ele não entendia muito bem o mecanismo, só sabia que não havia mais a ameaça de um repentino envelhecimento catastrófico se passassem muito tempo no presente. Envelheceriam um dia de cada vez, exatamente como eu. Ao que parecia, a dívida que carregavam, de anos e anos acumulados, fora perdoada — como se não tivessem passado a maior parte do século XX revivendo o

mesmo dia ensolarado. Era um milagre inegável, algo sem precedentes na história peculiar, e ainda assim o que me assombrava muito mais era a presença deles ali: ao meu lado, Emma, a linda e forte Emma, os dedos entrelaçados nos meus, observando tudo em volta com um brilho de assombro nos olhos verdes. Emma, com quem eu tanto havia sonhado durante as longas e solitárias semanas que passara desde minha volta para casa. Ela usava um discreto vestido cinza que cobria os joelhos, sapatos sem salto bem resistentes que lhe permitiriam correr se fosse necessário, o cabelo claro preso em um rabo de cavalo. Décadas sendo responsável por aquelas crianças a haviam tornado uma pessoa muito prática, mas nem a responsabilidade nem o peso dos anos que ela carregava tinham sido capazes de apagar aquela faísca de menina que a iluminava de dentro para fora. Emma era ao mesmo tempo macia e dura, amarga e doce, velha e jovem. Essa capacidade de conter tantas coisas dentro de si era o que eu mais amava nela. Sua alma era infinita.

— Jacob?

Ela estava falando comigo. Tentei responder, mas minha cabeça estava mergulhada em oníricas areias movediças.

Ela acenou para mim, depois estalou os dedos, uma fagulha brotando em seu polegar como um isqueiro. O susto me arrancou do transe.

— Ah. Desculpa.

— Em que mundo você estava?

— Eu só... — Abanei a mão no ar como se afastasse teias de aranha. — É bom ver vocês, só isso.

Completar uma frase era como tentar abraçar uma dúzia de balões ao mesmo tempo.

O sorriso dela não foi capaz de esconder uma leve preocupação.

— Imagino como deve ser estranho para você, com todos nós aparecendo assim tão de repente. Espero que não tenha sido um choque terrível.

— Não, não. Quer dizer, um pouco. — Olhei em volta, observando todos os presentes na sala. Um caos alegre acompanhava nossos amigos onde quer que estivessem. — Será que eu não estou sonhando?

— Será que *eu* não estou? — Emma se virou para mim e segurou minha outra mão também. Seu calor e seu toque firme ajudaram a fixar o mundo real. — Nem sei quantas vezes, nesses anos todos, eu já me imaginei visitando essa cidadezinha.

A princípio não entendi, mas então... É claro. Meu avô. Ele havia morado ali desde antes de meu pai nascer; eu tinha visto o endereço da Flórida nas cartas que Emma guardava. O olhar dela se perdeu, como se estivesse vagando em lembranças, e senti uma dolorosa pontada de ciúme — mas logo depois veio a vergonha. O passado de Emma lhe pertencia, e, assim como eu, ela tinha toda razão para estar confusa com a colisão dos nossos mundos.

A srta. Peregrine entrou na sala parecendo um furacão. Havia tirado o sobretudo, revelando um chamativo casaco de tweed verde e uma calça de montaria, como se tivesse vindo a cavalo. Atravessou a sala disparando ordens e advertências em todas as direções:

— Olive, desça já daí! Enoch, tire os pés do sofá! — Com o dedo em riste e um olhar para a cozinha, ela me chamou: — Sr. Portman, temos questões que exigem sua atenção.

Emma me deu o braço e seguimos juntos, para meu alívio, pois o mundo ainda não havia parado totalmente de girar.

— Mal chegamos e vocês já vão ficar de namorico? — reclamou Enoch.

Emma rapidamente esticou a mão livre e queimou o alto do cabelo dele. Enoch se afastou batendo na cabeça, que soltava fumaça, e a risada que me escapou pareceu afastar um pouco da névoa em minha mente.

Sim, meus amigos eram reais e estavam bem ali. Não só isso: a srta. Peregrine tinha dito que eles ficariam por um tempo. Para

aprender um pouco sobre o mundo moderno. Tirar umas férias, um merecido descanso dos horrores vividos no Recanto do Demônio — que se tornara o lar temporário deles após a destruição do imponente casarão de Cairnholm. É claro que eram todos bem-vindos, e eu jamais conseguiria expressar minha gratidão por sua presença, mas como seria isso, exatamente? O que fariam meus pais e meus tios, que naquele momento estavam na garagem, sendo vigiados por Bronwyn? Era muita coisa para processar, então decidi adiar aqueles pensamentos.

Absortos numa discussão diante da geladeira aberta, a srta. Peregrine e Hugh pareciam absurdamente deslocados naquela profusão de aço escovado e acabamentos modernos da cozinha, como atores que tivessem ido parar no set do filme errado. Hugh mostrava um pacote de queijo processado em fatias embaladas individualmente.

— Mas só tem coisas estranhas aqui, srta. Peregrine, e eu não como nada há séculos!

— Não exagere, querido.

— Não estou exagerando. É 1886 no Recanto do Demônio, e foi lá que tomamos café da manhã.

Horace saiu da área da despensa batendo a porta.

— Terminei meu levantamento e estou francamente abismado. Bicarbonato de sódio, uma lata de sardinhas e um pacote de massa pronta para bolo infestada de insetos. O governo está racionando alimentos? Estamos no meio de alguma guerra?

— A gente geralmente pede comida — expliquei, me aproximando. — Meus pais não são muito de cozinhar.

— Então de que serve uma cozinha tão magnífica? — quis saber Horace. — Sei que sou um grande *chef*, mas não há quem consiga preparar algo do zero.

A verdade é que meu pai tinha visto aquela cozinha em uma revista de decoração e se convenceu de que precisava ter uma igual. Tentou justificar o custo prometendo aprender culinária e oferecer memoráveis jantares em família, mas, como muitos de

seus planos, esse também esfriou e morreu depois de algumas poucas aulas. Então, agora tínhamos uma cozinha caríssima usada quase exclusivamente para descongelar refeições prontas e requentar sobras de delivery.

Em vez de explicar tudo isso, apenas dei de ombros.

— Estou certa de que mais cinco minutos não farão vocês morrerem de fome — disse a srta. Peregrine, expulsando os dois da cozinha. — Muito bem, sr. Portman. Você me pareceu um tanto atordoado. Está se sentindo bem?

— Melhor a cada minuto — respondi, ainda que um pouco envergonhado.

— Você pode estar sofrendo de um caso leve de lag temporal — explicou a srta. Peregrine. — Um tanto tardio, eu diria. É perfeitamente normal entre nós que viajamos no tempo, sobretudo entre os menos experientes. — Ela falava comigo enquanto perambulava pela cozinha, espiando dentro dos armários. — Os sintomas costumam ser leves, embora haja exceções. Quando começaram as vertigens?

— Foi só quando vocês chegaram, mas não se preocupe, eu estou bem, de verdade...

— Úlceras venosas, joanetes inflamados ou enxaquecas?

— Nada disso.

— Perturbações mentais repentinas?

— Hã... não que eu lembre.

— Lag temporal não é motivo de riso, sr. Portman. Pessoas morrem por não se tratarem. Ah, biscoitos! — exclamou a srta. Peregrine, sacudindo um cookie que pegara de uma lata e dando uma mordida. — Vermes nas fezes? — prosseguiu ela em seu questionário, enquanto mastigava.

Contive uma risada de incredulidade.

— Não.

— Gravidez espontânea?

Emma fez uma careta.

— A senhorita só pode estar brincando!

— Já houve casos. Ou melhor, um único caso. Ao que sabemos — esclareceu a srta. Peregrine, pousando a lata de biscoitos e me encarando fixamente. — Com um homem.

— Eu não estou grávido! — retruquei, um pouco alto demais.

— *Ainda bem!* — gritou alguém, lá da sala.

A srta. Peregrine me deu um tapinha no ombro.

— Creio que não seja nada. Mas eu deveria tê-lo alertado.

— Acho que foi melhor não saber — respondi.

Eu teria ficado paranoico. Além do mais, se eu tivesse passado aquele mês comprando testes de gravidez às escondidas e procurando vermes nas minhas fezes, meus pais já teriam me mandado para o hospício muito antes.

— Ótimo — disse a srta. Peregrine. — Agora, antes que possamos todos descansar e conversar, vamos a algumas questões. — Ela começou a andar em círculos pela cozinha, no pequeno espaço entre os fornos duplos e a pia. — Item número um: segurança e proteção. Já avaliei os arredores da casa. Tudo parece em ordem, mas as aparências enganam. Há algo que eu deva saber sobre seus vizinhos?

— Tipo o quê?

— Histórico criminal, tendências violentas, coleções de armas de fogo...

Tínhamos apenas dois vizinhos: a octogenária sra. Melloroos, que vivia numa cadeira de rodas e só saía de casa acompanhada pela enfermeira, e um casal alemão que passava a maior parte do ano sabe-se lá onde, só aparecendo no exagerado casarão para passar o inverno, já que é uma área mais quente do país.

— A sra. Melloroos é meio intrometida às vezes — falei —, mas, se ninguém fizer nada *peculiar demais* no jardim dela, acho que não vai nos trazer problemas.

— Entendido. Item dois: você identificou a presença de algum etéreo desde que retornou para casa?

Senti meu coração dar um salto ao ouvir aquela palavra, que não havia cruzado meus pensamentos nem meus lábios fazia

semanas.

— Não — respondi rápido. — Por quê? Teve mais algum ataque?

— Não. Nenhum sinal deles, na verdade. É o que me preocupa. Bem, em relação à sua família...

— Não matamos ou capturamos todos eles no Recanto do Demônio? — interrompi, me recusando a deixar o assunto de lado assim tão rápido.

— Não *todos*, exatamente. Um pequeno núcleo escapou com alguns acólitos depois de nossa vitória, e acreditamos que eles tenham cruzado o oceano até aqui. Duvido que tenham coragem de se aproximar de *você*, acredito que essa lição eles aprenderam, mas só posso imaginar que estejam planejando algo. Cautela nunca é demais.

— Eles *morrem* de medo de você, Jacob — comentou Emma, orgulhosa.

— Sério?

— Depois da surra que você deu neles, seriam estúpidos se não tivessem medo — comentou Millard, sua voz surgindo de algum ponto perto da porta da cozinha.

— Pessoas educadas não bisbilhotam conversas particulares — ralhou a srta. Peregrine.

— Não estou bisbilhotando, estou com *fome*. Também fui enviado para lhe pedir que não monopolize Jacob. Todos nós viemos de muitíssimo longe para vê-lo.

— Eles sentiram muita falta de Jacob — confirmou Emma à srta. Peregrine. — Quase tanto quanto eu.

— Bem, talvez esta seja uma boa hora para um discurso de boas-vindas, sr. Portman — concordou a *ymbryne*. — Explique a eles as regras básicas.

— Regras básicas? Como assim?

— São meus protegidos, sr. Portman, mas esta é sua cidade e sua época. Vou precisar de sua ajuda para orientar as crianças e evitar problemas.

— Se não morrerem de fome primeiro — comentou Emma. Eu me virei para a srta. Peregrine.

— O que você ia dizer antes, sobre a minha família?

Não podíamos prendê-los na garagem para sempre, e eu estava começando a ficar nervoso, sem saber como conviveríamos com eles na mesma casa.

— Não há com que se preocupar — respondeu a srta. Peregrine. — Bronwyn tem a situação sob controle.

As palavras mal tinham saído de sua boca quando ouvimos um estrondo de tremer as paredes, e parecia vir da garagem. Os copos de uma prateleira próxima se espatifaram no chão.

— Isso me pareceu nitidamente *fora* de controle — comentou Millard.

Já estávamos correndo.



— Não saiam daqui! — gritou a srta. Peregrine na direção da sala de estar.

Saí disparado da cozinha, Emma nos meus calcanhares, a adrenalina me impulsionando. Eu não sabia o que esperar quando entramos a toda na garagem. Fumaça? Sangue? Tinha parecido uma explosão. O que eu definitivamente não imaginava encontrar eram meus pais e tios estirados no carro, dormindo feito bebês. A traseira do veículo estava encaixada em um imenso amassado na porta de correr da garagem, e caquinhos das lanternas brilhavam no chão ao redor. O motor zunia, ainda ligado.

Bronwyn estava parada em frente ao carro, o para-choque nas mãos.

— Puxa vida, me desculpa, eu não sei como isso foi acontecer — disse ela, e largou o para-choque, que atingiu o chão com um clangor.

Percebendo que eu precisava desligar o motor para não morrermos sufocados, corri até a porta do motorista, mas estava trancada. É claro: minha família, lá dentro, devia ter feito de tudo para evitar contato com Bronwyn. Com certeza haviam passado aquele tempo todo aterrorizados.

— Deixe que eu abro — disse Bronwyn. — Para trás!

Ela firmou os pés e segurou a maçaneta da porta com as duas mãos.

— O que você vai...? — comecei.

Não terminei a pergunta, pois, com um puxão potente, Bronwyn arrancou a porta das dobradiças. A grande peça de metal saiu voando de suas mãos e foi se cravar na parede dos fundos, com um barulho que me empurrou para trás quase como uma força física.

— Porcaria! — exclamou Bronwyn no silêncio atordoado que se seguiu.

A garagem de nossa casa estava começando a parecer uma das casas bombardeadas que eu tinha visto na Londres da época da guerra.

— Bronwyn! — gritou Emma, só então baixando os braços da cabeça. — Você poderia ter decapitado alguém!

Eu me enfiei pelo buraco onde antes ficava a porta do motorista e, esticando o corpo sobre meu adormecido pai, tirei as chaves da ignição. Minha mãe estava caída no ombro dele, e meu pai roncava. No banco traseiro, meus tios dormiam abraçados. Ninguém havia se mexido, mesmo com toda aquela barulheira. Eu só conhecia uma substância capaz de fazer alguém cair em sono tão profundo: o pó da Mãe Poeira. Quando saí do carro, Bronwyn tentava explicar o ocorrido, e vi que ela segurava justamente uma bolsinha da substância.

— O homem atrás... — dizia ela, apontando para meu tio Bobby. — Eu vi ele usar o... o negocinho... — Ela tirou o aparelho do bolso dele.

— O celular — falei.

— Isso — continuou ela. — Então eu peguei o negócio da mão dele, e aí todos endoideceram de vez feito cavalos chucros, então fiz como a senhorita me mostrou...

— Você usou o pó? — perguntou a srta. Peregrine.

— É, soprei no rosto deles, mas não fez efeito logo de cara. Então o pai do Jacob ligou o carro, mas, em vez de ir para a frente, ele... ele... — Escapando-lhe as palavras, Bronwyn indicou a porta da garagem com um gesto.

A srta. Peregrine lhe deu uns tapinhas no braço.

— Eu entendo, querida. Você lidou com a situação muito bem.

— Bem *mal*, você quer dizer — completou Enoch.

Quando nos viramos, vimos todos os outros peculiares aglomerados na porta, espiando.

— Eu mandei vocês não saírem de lá! — repreendeu a srta. Peregrine.

— Depois daquele barulhão?! — retrucou Enoch.

— Desculpa, Jacob — disse Bronwyn. — Eles estavam muito agitados, e eu não sabia o que fazer. Não machuquei ninguém, né?

— Acho que não. — Eu já tinha experimentado o sono aconchegante induzido pelo pó da Mãe Poeira e sabia que não era nada horrível passar algumas horas sob seu efeito. — Posso ver o celular do meu tio?

Bronwyn me entregou o aparelho. A tela estava toda rachada, mas ainda dava para ler. Quando a luzinha se acendeu, vi uma sequência de mensagens da minha tia:

O que está acontecendo?

Que horas vc vai chegar?

Tá tudo bem???

Em resposta, tio Bobby tinha começado a digitar *CHAME A POLÍCIA*, mas provavelmente se deu conta de que poderia ele

mesmo fazer isso. Só que não deu tempo, porque Bronwyn tomou o celular dele. Mais alguns segundos, e talvez estivéssemos recebendo uma visita da SWAT. Senti um aperto no peito ao pensar em como aquilo poderia ter evoluído rapidamente para algo bem perigoso e complicado. *Quer dizer*, pensei, olhando para o carro destruído e a parede destruída e a porta destruída. *Já evoluiu.*

— Não se preocupe, Jacob — disse a srta. Peregrine. — Já passei por situações bem mais delicadas. — Ela estava circundando o carro, avaliando o estrago. — Sua família vai dormir profundamente até amanhã, e acredito que deveríamos tentar fazer o mesmo.

— E depois? — insisti, ansioso e começando a suar no ambiente não refrigerado da garagem.

— Quando acordarem, vou apagar a memória recente deles e mandar seus tios para casa.

— Mas o que eles vão...

— Vou explicar que somos parentes distantes da família do seu pai, vindos da Europa para oferecer nossas condolências pela morte de Abe. Quanto à sua visita marcada no hospital, você já está se sentindo muitíssimo melhor e não necessita mais de cuidados psiquiátricos.

— Mas e...

— Ah, eles vão acreditar. Os normais sempre ficam altamente suscetíveis após uma limpeza de memória. Poderíamos convencê-los até de que viemos de uma colônia na Lua.

— Srta. Peregrine, por favor, pare com isso.

Ela sorriu.

— Perdão. Um século como diretora me treinou a adivinhar questionamentos, em nome da praticidade. Agora, vamos, crianças. Precisamos discutir os protocolos para os próximos dias. Temos muito a aprender sobre o presente, e nada melhor que o momento presente para começarmos.

Dito isso, ela começou a reunir todos e a conduzi-los para

fora da garagem, enquanto a metralhavam de perguntas e reclamações.

— Quanto tempo vamos ficar? — quis saber Olive.

— Podemos sair amanhã para conhecer a cidade? — pediu Claire.

— Preciso comer alguma coisa antes que eu desapareça da face da Terra — disse Millard.

Então me vi sozinho na garagem, em parte porque me sentia mal com a ideia de deixar minha família passar a noite ali, mas também porque a limpeza de memória me assustava. Embora a srta. Peregrine parecesse confiante, daquela vez seria preciso algo bem maior que os dez minutos de lembranças que ela apagara em Londres. E se ela não apagasse o bastante? Ou se apagasse demais? E se meu pai esquecesse tudo que sabia sobre aves ou minha mãe esquecesse o francês que aprendera na faculdade?

Fiquei um tempo observando-os dormir, o peso dessas dúvidas assentando sobre mim. E me senti subitamente, desconfortavelmente adulto diante daqueles quase bebês — vulneráveis, tranquilos, babando um pouquinho.

Tinha que haver uma alternativa.

Emma surgiu à porta.

— Está tudo bem? — perguntou ela. — Acho que os meninos vão entrar em parafuso se não providenciarmos logo algum jantar.

— Não queria deixá-los aqui — expliquei, indicando minha família.

— Eles não vão a lugar algum. E não precisam ser vigiados. Com a dose que receberam, só devem acordar amanhã à tarde.

— Eu sei, é só que... me sinto meio mal.

— Não fique assim. — Ela se aproximou. — Não é sua culpa. Não mesmo.

— Eu sei. É que parece meio triste, só isso.

— O quê?

— Que o filho de Abe Portman nunca venha a saber como seu

pai foi um homem especial.

Emma pegou meu braço e o colocou sobre os próprios ombros.

— Acho mil vezes mais trágico que ele nunca venha a saber como seu filho é um homem especial.

Eu estava me inclinando para beijá-la quando o celular do meu tio vibrou no meu bolso. Nós dois levamos um susto. Era uma nova mensagem da minha tia:

Já internaram o doidinho?

— O que diz? — perguntou Emma.

— Nada de mais. — Guardei o celular de volta e me dirigi à porta. De repente, não me parecia mais tão cruel deixar que passassem a noite na garagem. — Vamos, temos que inventar um jantar.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Apaguei as luzes antes de sairmos.



Sugeri que pedíssemos pizza de um restaurante que ficava aberto até mais tarde. Só algumas das crianças sabiam o que era uma pizza, enquanto o conceito de entrega em domicílio era desconhecido para todos.

— Eles preparam a comida em outro local e depois trazem *na sua casa*? — perguntou Horace, como se a ideia fosse ligeiramente obscena.

— Pizza... — disse Bronwyn. — É um prato típico aqui da Flórida?

— Na verdade, não — respondi. — Mas confiem em mim: vocês vão gostar.

Fiz um pedido gigantesco, e nos distribuímos pelos sofás e poltronas da sala para esperar. A srta. Peregrine sussurrou no

meu ouvido:

— *Acho que está na hora daquele discurso.*

Sem esperar uma resposta, ela pigarreou e já foi anunciando que eu gostaria de dizer algumas palavras. Assim, fiquei de pé e comecei, meio sem jeito, meu improvisado:

— Estou muito feliz por ter vocês todos aqui comigo. Não sei se sabem aonde minha família pretendia me levar hoje, mas não era um lugar legal. Quer dizer... — Hesitei. — Quer dizer, talvez seja legal para *algumas* pessoas, tipo, pessoas com problemas mentais de verdade, mas... Bem, se não fosse por vocês, confesso que eu estaria agora na maior merda.

A srta. Peregrine fechou a cara.

— Sem você, nós é que estaríamos na... — Bronwyn olhou de relance para a diretora antes de concluir a frase — ... *lama*. Só estamos retribuindo o favor.

— Obrigado. Quando vocês chegaram, achei que fosse um sonho, porque desde que nos conhecemos eu sonhava em ver todos vocês aqui. Foi bem difícil acreditar que aquilo estava acontecendo de verdade. Bem, mas o que importa é que vocês *estão* aqui, e espero que eu consiga recebê-los tão bem quanto vocês me receberam na sua fenda temporal. — Baixei os olhos, envergonhado. — Então é isso, pessoal. Muito feliz, amo vocês, acabou o discurso.

— Também te amamos! — disse Claire, pulando da cadeira para ir me abraçar.

Olive e Bronwyn se juntaram a ela, e logo estavam todos esmagando meus pulmões em um grande abraço coletivo.

— *É tão bom estar aqui!* — exclamou Claire.

— ... e não no Recanto do Demônio! — completou Horace.

— Vamos nos divertir à beça! — cantarolou Olive.

— Mil perdões por destruímos sua casa — desculpou-se Bronwyn.

— Ei, quem destruiu foi *você* — corrigiu Enoch.

— Ar... — consegui dizer. — Preciso... ar...

Então eles se afastaram um pouco, e pude respirar. Hugh se meteu no meio do círculo e me cutucou no peito, dizendo:

— Não estamos *todos* aqui, esqueceu? — Uma única abelha zumbia e desenhava círculos agitados em torno de sua cabeça. Os outros se afastaram, dando espaço para Hugh e seu inseto enfurecido. — Você disse que está feliz por estarmos *todos* nós aqui. Não estamos.

Não entendi de imediato o que ele estava dizendo, mas, quando entendi, fiquei envergonhado.

— Sinto muito, Hugh. Não foi minha intenção falar como se Fiona não existisse.

Ele baixou os olhos para as meias listradas.

— Às vezes parece que todo mundo a esqueceu, menos eu. — Notei que seu lábio tremia, depois vi que ele fazia força para não chorar. — Ela não morreu, sabe?

— Espero que não.

Ele ergueu o rosto e me encarou com um olhar desafiador.

— Ela *não* morreu.

— Tudo bem. Ela não morreu.

— Sinto muita falta dela, Jacob.

— Todos nós sentimos. Eu não a esqueci. Desculpa.

— Desculpas aceitas.

Hugh limpou o rosto, virou-se e saiu da sala.

— Pode não parecer, mas isso foi um progresso — disse Millard após um segundo.

— Com a gente ele mal fala — completou Emma. — Está revoltado e se recusa a aceitar a verdade.

— Vocês não acham possível que Fiona esteja viva em algum lugar?

— Eu diria improvável — respondeu Millard.

A srta. Peregrine fez uma expressão de desagrado e levou o dedo aos lábios, pedindo silêncio. Estava nos puxando discretamente para um canto da sala e, com as mãos em nossas costas, nos reuniu em um grupinho separado.

— Entramos em contato com todos os grupos de peculiares que conhecemos, em todas as fendas temporais — disse ela, baixinho. — Mandamos comunicados, avisos, fotografias, descrições detalhadas... Até enviei as pombas peculiares da srta. Wren para sobrevoarem as florestas próximas à procura de Fiona. Até agora, nada.

Millard suspirou.

— Se ela estivesse viva... pobrezinha... já não teria nos procurado? Não é difícil nos achar.

— Tem razão — comentei. — Mas alguém já tentou encontrar o... bem...

— O corpo dela? — completou Millard.

— Millard, por favor — reclamou a diretora.

— Isso foi indelicado? Devo usar um termo mais vago?

— *Quieto* — sussurrou a srta. Peregrine.

Não é que Millard não tivesse sentimentos; ele só não era muito bom em considerar os sentimentos dos outros.

— A queda que provavelmente matou Fiona — explicou ele — ocorreu na fenda de animais da srta. Wren, que depois foi destruída. Mesmo que o corpo dela tenha ficado lá, jamais poderemos recuperá-lo.

— Tenho pensado se não deveríamos realizar uma cerimônia de despedida para Fiona — comentou a srta. Peregrine —, mas a simples menção ao assunto faria Hugh mergulhar numa profunda depressão. Temo que, se forçarmos, ele...

— Ele nem quer adotar abelhas novas — contou Millard. — Diz que não poderia amá-las como amava as anteriores igualmente, pois elas nunca conheceriam Fiona. Só mantém a última que sobrou, que, a esta altura, já está em uma idade bem avançada.

— Acho que essa mudança de ares vai fazer bem a ele — comentei.

Foi quando a campainha tocou. Bem na hora, pois o clima estava cada vez mais pesado.

Claire e Bronwyn fizeram menção de me acompanhar até a porta para receber as pizzas, mas a srta. Peregrine foi rápida em impedi-las.

— Aonde pensam que vão? Vocês ainda não estão preparadas para conversar com normais.

Pessoalmente, eu achava que não teria grandes problemas se elas conhecessem o entregador de pizza... até abrir a porta e ver um garoto da minha escola, equilibrando uma pilha de caixas nas mãos.

— Noventa e quatro e sessenta — murmurou ele mecanicamente, mas de repente fez uma cara de surpresa. — Ei, olha só! Jacob?

— Justin. Oi.

O nome dele era Justin Pamperton, embora todo mundo o chamasse de Pampers. Era um dos skatistas maconheiros que viviam nos estacionamentos desertos da nossa escola.

— Tá com uma cara boa — disse ele. — Você... tipo, tá melhor?

— Como assim? — perguntei, embora na verdade não quisesse saber o que ele queria dizer, e contei o dinheiro o mais rápido que podia (mais cedo eu havia saqueado a gaveta de meias dos meus pais, onde sempre tinha algumas notas escondidas).

— Andaram dizendo por aí que você, tipo, *deu uma pirada*. Com todo o respeito.

— Hum, não — respondi. — Eu estou bem.

— Beleza — disse ele, assentindo como um bonequinho de mola. — Porque *o que me falaram* foi que...

Ele parou no meio da frase. Alguém lá dentro estava rindo.

— Tá rolando uma festa na sua casa, cara?

Peguei as pizzas e enfiei as notas na mão dele.

— Mais ou menos — respondi. — Pode ficar com o troco.

— Com *garotas*? — Ele tentou dar uma olhada dentro da casa, mas fui para o lado, bloqueando sua visão. — Daqui a uma

hora eu tô largando o trabalho, posso trazer umas cervejas...

Nunca quis tanto que alguém sumisse da minha frente.

— Desculpa, mas é meio que particular.

Ele pareceu impressionado.

— Mandou bem, cara. — Ele ergueu a mão para bater na minha, mas no meio do caminho, lembrando que eu estava segurando as pizzas, fechou a mão e deu um soquinho no ar para disfarçar. — A gente se vê semana que vem.

— Semana que vem?

— As *aulas*, cara! Em que planeta você andou?

Ele voltou com seu andar meio gingado para a moto ainda ligada, balançando a cabeça e rindo sozinho.



Todas as conversas pararam assim que as pizzas foram distribuídas. Por três minutos inteiros, só se ouvia o ruído de mastigação e os ocasionais gemidos de satisfação. Enquanto isso, fiquei pensando nas palavras de Justin. As aulas voltariam em uma semana; eu havia esquecido totalmente. Antes de meus pais concluírem que eu estava maluco e decidirem me internar, eu estava determinado a voltar para o colégio. Meu plano era ficar em casa até me formar, depois fugir para Londres para viver com Emma e meus amigos, mas agora os amigos que pareciam tão distantes e todo aquele mundo inacessível tinham surgido à minha porta. Da noite para o dia, tudo havia mudado. Meus amigos agora podiam andar por onde (e em qualquer época) quisessem. Será que eu aguentaria passar o dia inteiro sentado aturando aulas intermináveis, almoços e palestras sabendo que estavam todos me esperando?

Talvez não, mas era muita coisa para processar naquele momento, com a pizza no meu prato, ainda tonto com o fato de tudo aquilo ser possível. Ainda faltava uma semana. Eu tinha

tempo. Por enquanto, podia apenas comer e aproveitar a companhia.

— Essa é a melhor comida do mundo! — anunciou Claire, com a boca cheia de queijo derretido. — Vou comer isso todo dia.

— Não se quiser continuar viva até o fim da semana — comentou Horace, tirando as azeitonas de sua fatia com uma precisão cirúrgica. — Só nesse pedaço tem mais sódio do que em todo o Mar Morto.

— Está com medo de ficar gordo? — zombou Enoch. — Horace Bola. Eu bem ia gostar de ver isso.

— Medo de *inchar* — corrigiu Horace. — Minhas roupas são feitas sob medida, ao contrário dos sacos de batata que você usa.

Enoch fez uma autoavaliação. Ele vestia uma camisa cinza simples, um colete preto, uma calça preta com a barra desfiada e sapatos de couro já há muito sem brilho.

— Minhas roupas são de *Parrí* — respondeu ele, forçando um sotaque francês. — Arrumei com um rapaz bem alinhado que não faria mais uso delas.

— Um rapaz *morto* — comentou Claire, com uma careta de nojo.

— Funerárias são as melhores butikues de artigos de segunda mão — disse Enoch, dando uma mordida imensa na pizza. — É só ter o cuidado de pegar as roupas antes que o ocupante comece a emanar fluidos.

— Perdi o apetite — reclamou Horace, largando o prato na mesa de centro.

— Trate de terminar sua refeição — ordenou a srta. Peregrine. — Nada de desperdício.

Com um suspiro, ele obedeceu.

— Às vezes eu invejo Millard. Ele poderia engordar cem quilos e ninguém perceberia.

— Para sua informação, eu sou muito esbelto — retrucou Millard, fazendo um barulho que só podia ser um tapa na

*image
not
available*

Claire tinha mordido seu ombro com a boca de trás. Enquanto Enoch esfregava o local, ela reclamou:

— Não, *não* acho cansativo. E é estranho você ficar pelado na presença de moças.

— Blá-blá-blá — debochou Millard. — Mais alguém se incomoda?

Todas as meninas levantaram a mão.

Millard suspirou.

— Tudo bem, então. Adotarei a prática das vestimentas completas em período integral, para não ferir a sensibilidade alheia em relação a fatos básicos da biologia.



Conversamos até cansar. Era tanto assunto para colocar em dia! Voltamos muito rápido à antiga intimidade, como se tivéssemos passado apenas alguns dias separados, não quase seis semanas. Muitas coisas haviam acontecido naquele período — com eles, pelo menos. Emma já havia me contado algumas, por cartas, mas tinha muito mais, e eles começaram a narrar suas aventuras na exploração de lugares peculiares com o Polifendador. Por segurança, foram somente a fendas em que as *ymbrynes* já haviam feito um reconhecimento inicial e considerado seguras, já que ainda não se sabia muito bem o que os aguardava atrás daquelas muitas portas.

Em uma fenda temporal na Mongólia de milênios atrás, eles conheceram um pastor peculiar que falava a língua das ovelhas e por isso não precisava de cajado nem cão para conduzir seu rebanho. Olive tinha gostado especialmente da fenda que visitaram na Cordilheira do Atlas, no norte da África, onde todos os peculiares de certa cidadezinha eram flutuadores como ela. Havia telas instaladas por toda a cidade, para que as pessoas pudessem seguir com suas vidas sem a necessidade de usar pesos:

*image
not
available*

— Um terremoto no Chile — explicou Emma. — Imprimi em um papel que não envelheceu bem desde que saímos do Recanto. Uma pena.

Ela passou para a fotografia seguinte: um trem descarrilado. Em volta, havia diversas crianças (peculiares, imagino), algumas de pé, outras sentadas. Todas sorriam como se estivessem se divertindo muito.



meninas — disse ela. — Nada pode me surpreender.

Quando entrei e acendi a luz, Emma ficou de queixo caído.

— Que *tantas* coisas são essas?

— Ah. Então.

Talvez eu tivesse cometido um erro. Explicar meu quarto ocuparia um tempo que poderíamos aproveitar nos beijando.

Eu não tinha *coisas*, eu tinha *coleções*. Muitas. Objetos cobriam uma porção de estantes por todo o quarto. No entanto, eu não me consideraria um acumulador; aquela era uma das maneiras de lidar com a solidão que eu desenvolvera na infância. Quando seu melhor amigo é seu avô de setenta e cinco anos, você passa muito tempo em atividades típicas de velhinhos, e, no nosso caso, a atividade principal era passear por vendas de garagem todo sábado de manhã (vovô Portman podia ser um herói de guerra peculiar e um caçador de etéreos durão, mas poucas coisas lhe davam mais prazer que uma boa barganha).

Ele sempre me deixava escolher algum item que custasse menos de cinquenta centavos. Multiplique isso por várias vendas de garagem a cada fim de semana e você entenderá como juntei, ao longo de uma década, uma imensa quantidade de vinis antigos, livros de banca com histórias de detetive e capas ridículas, edições da revista *MAD* e tantas outras porcarias aos olhos de terceiros, mas expostas como verdadeiros tesouros. Meus pais volta e meia me imploravam para dar uma limpeza e me livrar da maior parte, mas fiz apenas algumas tentativas sem muito empenho e nunca avancei muito. O restante da casa era tão grande, moderno e *vazio* que eu passara a ter horror a espaços desocupados, portanto preferia manter cheio o único cômodo sobre o qual eu tinha certo controle. Por isso é que, além das prateleiras transbordantes, eu havia coberto uma parede inteira com mapas, do chão ao teto, e uma outra com capas de discos antigos.

— Nossa, você gosta mesmo de música! — comentou Emma.

Ela se afastou de mim e foi até a parede em que as capas

Trocamos mais um beijo. Era como uma corrente elétrica que deixava cada parte do meu corpo formigando. Então ela saiu do quarto, e, pela primeira vez desde que eles haviam chegado, me vi sozinho.



Dormi pouco naquela noite. Não tanto pelos roncos de Hugh, que dormia sobre alguns cobertores estendidos no chão do meu quarto, e mais pelo barulho dentro da minha cabeça — tantas dúvidas e tanta empolgação com as muitas possibilidades recém-surgidas. Eu tinha ido embora do Recanto do Demônio porque considerava importante terminar o colégio e manter uma boa relação com meus pais (o suficiente para me fazer aguentar Englewood por mais alguns anos), mas o tempo que eu levaria para me formar tinha tudo para ser uma tortura, ainda mais com Emma e meus amigos presos em fendas temporais do outro lado do oceano.

Tudo havia mudado naquela noite. Agora, talvez eu não precisasse esperar. Agora, talvez não precisasse escolher entre um e outro: peculiar ou normal, esta vida ou a outra. Eu queria e precisava dos dois mundos, embora não na mesma medida. Não tinha o mais vago interesse em construir uma carreira normal, em ficar com alguém que não entendia quem eu era ou em, um dia, ter filhos e precisar esconder deles uma parte da minha vida — como meu avô fizera.

Por outro lado, não queria simplesmente abandonar o colégio (não dá para colocar “matador de etéreos” no currículo) e, embora meus pais não fossem exatamente dignos do prêmio de Progenitores do Ano, também não podia excluí-los da minha vida. Não queria me afastar tanto do mundo normal a ponto de esquecer como transitar por ele. O mundo peculiar era incrível e fundamental para mim, eu sabia disso, mas também tinha algo

No dia seguinte, acordei com um nó amargo no estômago, convencido de que tudo não havia passado de um sonho. Já me preparando para a decepção, descii a escada meio que esperando encontrar minhas malas prontas e meus tios mais uma vez vigiando as portas para evitar qualquer tentativa de fuga. Em vez disso, vi uma cena de pura alegria doméstica entre peculiares.

Todo o andar de baixo estava inundado por conversas animadas e pelo cheiro bom de comida. Horace ia de lá para cá na cozinha, preparando tudo, enquanto Emma e Millard colocavam a mesa. A srta. Peregrine assobiava e abria as janelas para deixar entrar a brisa da manhã. Lá fora, no jardim, Olive, Bronwyn e Claire brincavam de pega-pega: Bronwyn a agarrava e jogava bem alto, a uns bons seis metros, e Olive descia rindo, flutuando, trazida de volta devagar pelo peso dos sapatos. Na sala, Hugh e Enoch tinham os olhos grudados na TV, deslumbrados com um comercial de sabão em pó. Eu jamais poderia imaginar uma cena melhor.

Fiquei um bom tempo ali no alto da escada, processando tudo aquilo. Da noite para o dia, meus amigos haviam conseguido transformar minha casa em um lugar mais feliz e mais aconchegante do que meus pais não conseguiram em muitos anos.

— Que bom que você se levantou! — cantarolou a srta. Peregrine, me arrancando do meu transe.

Emma veio correndo.

— O que foi? — perguntou ela. — Está tendo tonturas de novo?

— Não, só apreciando a cena.

Eu a puxei para um beijo. Emma enlaçou meu pescoço para me beijar de volta. Fui completamente envolvido por uma sensação de cócegas agradáveis e pela repentina impressão de estar fora do meu próprio corpo. Era como se eu tivesse levitado

— Por onde começo? O que vocês querem saber?

— O que acha de nos atualizar quanto aos acontecimentos dos últimos setenta e cinco anos aproximadamente? — sugeriu Millard. — Nas múltiplas esferas de história, política, música, cultura popular, descobertas científicas e novas tecnologias...

— Talvez seja melhor ensinar vocês a não falarem como pessoas da década de 1940 e a atravessarem a rua sem morrer.

— Creio que sejam conhecimentos igualmente importantes — disse Millard.

— Eu só quero *sair* um pouco — reclamou Bronwyn. — A última coisa que fizemos foi atravessar um pântano fedorento e andar de ônibus.

— É! — concordou Olive. — Quero conhecer uma cidade americana. E um aeroporto. E uma fábrica de lápis! Eu li um livro bem legal sobre fábricas de lápis...

— Acalmem-se — pediu a srta. Peregrine. — E tratem de tirar essa ideia da cabeça. Não vamos fazer nenhuma grande expedição hoje. Um passo de cada vez, e, como temos opções limitadas de transporte, uma caminhada me parece uma boa ideia. Sr. Portman, conhece algum lugar nas proximidades em que haja poucas pessoas? Enquanto as crianças ainda não têm certa prática, prefiro que não interajam com normais.

— Tem a praia — respondi. — Fica bem vazia essa época.

— Perfeito! — exclamou a srta. Peregrine, e em seguida mandou as crianças se trocarem. — Quero ver vocês protegidos do sol! — acrescentou ela. — Chapéus! Sombrinhas!

Eu já ia subir também quando senti o medo voltar.

— Srta. Peregrine, o que vamos fazer com a minha família?

— Bem, eles receberam uma dosagem suficiente para dormirem até a tarde — explicou ela. — Mas, por precaução, vamos deixar alguém aqui com eles.

— Tudo bem. Mas e depois?

— Você quer dizer depois que acordarem?

— É. Como eu vou explicar... *vocês*?

— Uau! — exclamou a srta. Peregrine, inspirando fundo. — Isto é um pedaço do paraíso.

— Esse é o oceano Pacífico? — perguntou Claire.

Enoch riu.

— Não. Estamos no Golfo do México. O Pacífico fica do outro lado do continente.

Caminhamos pela praia, as crianças menores correndo à nossa volta e catando conchas enquanto os outros apreciavam a vista e o sol. Retardei o passo para alcançar Emma. Quando peguei sua mão, ela olhou para mim e sorriu. Suspiramos os dois ao mesmo tempo, o que nos fez rir. Conversamos um pouco sobre a praia e sobre como era bonita, mas logo o assunto se esgotou — e aí perguntei ao grupo como tinha sido a vida no Recanto do Demônio desde que eu fora embora. Eles só tinham me contado sobre as viagens pelo Polifendador, e com certeza haviam feito algo além de viajar.

— Viajar é fundamental para o desenvolvimento pessoal — disse a srta. Peregrine, estranhamente na defensiva. — Mesmo os indivíduos que se consideram mais instruídos permanecem ignorantes se nunca viajaram. É de suma importância que as crianças aprendam que o universo peculiar não gira em torno de nossa sociedade.

Ela me contou que, além das excursões ocasionais pelo Polifendador, as *ymbrynes* tinham unido forças para criar um ambiente estável para seus protegidos. Assim como meus amigos, a maioria fora arrancada das fendas temporais em que passaram a maior parte da vida. Algumas fendas haviam se fechado para sempre. Muitos perderam amigos nos ataques dos etéreos, foram feridos ou sofreram outros traumas. E, apesar de o Recanto do Demônio (com sua sujeira, seu caos e seu histórico como centro do império maléfico de Caul) não ser o lugar ideal para quem quer se recuperar de traumas, as *ymbrynes* deram o máximo de si para transformar o local num refúgio para os peculiares. Foi ali que muitos adultos em fuga das campanhas de terror dos

pensar, mas seus problemas — ao menos o que eu sabia a respeito deles — eram relacionados a crescimento, cura e liberdade. E tudo isso era algo pelo qual se agradecer.



— Venha nadar com a gente, Jacob! — gritou Emma, da arrebentação, erguendo uma estrela-do-mar capturada entre a espuma das ondas.

Algumas das crianças brincavam no raso, mas outras estavam nadando de verdade. No verão, a água morna do golfo era quentinha como um banho de banheira, muito diferente das ondas tempestuosas do Atlântico que açoitavam os penhascos de Cairnholm.

— É magnífico! — exclamou Millard.

O corpo dele era um vácuo em forma de pessoa no mar. Até Olive estava se divertindo, apesar de afundar uns dez centímetros na areia a cada passo que dava.

— Jacob! — chamou Emma outra vez, acenando, seu corpo subindo e descendo em uma onda.

— Estou de calça! — gritei de volta.

Não era mentira, mas a verdade completa era que eu preferia ficar só como observador. Era tão bom vê-los se divertindo ali... a cena derretia um bloco de gelo que havia se formado sobre minha noção de lar. Como eu queria que eles pudessem fazer aquele tipo de passeio sempre que quisessem — ter aquela paz descomplicada.

E talvez houvesse um meio de tornar isso possível.

Naquele momento, eu soube o que fazer com meus pais. Era tão simples que não sei por que não havia me ocorrido antes. Eu não precisava inventar uma mentira infalível, não precisava bolar uma história mirabolante, cheia de detalhes. Histórias inventadas podem acabar se contradizendo e mentiras podem ser

Emma estava do meu lado. Apertei o braço dela, feliz por contar com seu apoio.

— É trágico, mas necessário — argumentou Horace. — Não podemos confiar nos pais deles. Não podemos confiar em *nenhum* normal. Fico nervoso só de pensar no que eles podem fazer. Eles podem nos expor!

— Eles não fariam isso — retruquei.

Será que não?, ouvi perguntar uma voz bem baixinha na minha cabeça.

— Por que simplesmente não fingimos ser normais quando eles estiverem por perto? — perguntou Bronwyn.

— Acho difícil que isso funcione — falei.

— Não esqueçam que nem todos têm o privilégio de poder fingir que são normais — completou Millard.

— Odeio fingir — falou Horace. — Que tal sermos nós mesmos e a srta. Peregrine apagar a memória deles no fim de cada dia?

— Pessoas que têm a memória apagada muitas vezes acabam ficando com problemas na cabeça — avisou Millard. — Gemendo, babando, essas coisas.

Olhei para a srta. Peregrine, que confirmou com um aceno.

— E se eles fossem passar umas férias num lugar bem distante? — sugeriu Claire. — A srta. Peregrine pode plantar essa ideia depois que apagar a memória deles, quando estiverem sugestionáveis.

— E quando eles voltarem?

— Aí prendemos sua família no porão — disse Enoch.

— Devíamos prender *você* no porão — retrucou Emma.

Eu estava causando estresse e ansiedade em todos. Eles iam ficar preocupados. *Eu* ia ficar preocupado. E tudo isso pelo bem dos meus pais, que só tinham me dado tristeza nos últimos seis meses.

Eu me virei para a srta. Peregrine:

— Não. É complicado demais. É melhor você simplesmente

— Minha nossa, que traiçoeira!

— E esse é todo o meu incrível histórico romântico.

Ela arregalou os olhos e deitou na água para boiar. O burburinho distante dos nossos amigos sumia sob o ruído suave de cada onda e voltava.

— Jacob Portman, tão puro quanto a neve que cai...

— Eu... hã... Pois é. — Fiquei envergonhado. — Que jeito estranho de colocar as coisas.

— Você sabe que não tem por que se envergonhar, não sabe?

— Sei.

Mas não tinha tanta certeza. Todo filme e seriado para adolescentes dava a impressão de que ser virgem aos dezesseis anos era sinal de fracasso. Eu sabia que era bobagem, mas, depois que se escuta a mesma história tantas vezes, é difícil afastá-la da cabeça.

— Isso significa que você toma cuidado com seu coração. Acho admirável. — Ela me encarou. — Além do mais, eu não me preocuparia com isso. Tenho certeza de que não é... — Emma deslizou o dedo na água, e uma trilha de vapor se levantou atrás — ... uma condição permanente.

— Ah, é?

Um arrepio percorreu meu corpo.

— O tempo dirá — acrescentou ela, e deixou as pernas afundarem para ficar de pé.

Ela me encarou com um olhar intenso, me avaliando conforme nos aproximávamos, de mãos dadas, nossos pés se enroscando debaixo d'água. Mas, antes que pudéssemos nos enroscar um pouco mais, escutamos gritos e vimos a srta. Peregrine e Horace acenando para nós da areia.



— Jacob, é o Hugh — avisou Horace, me passando meu celular